

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

BRUNO MARDSON DE SOUZA OLIVEIRA

**A LEITURA COMO AUXÍLIO NA RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE
SOCIAL DE HOMENS NEGROS NO CÂRCERE: REFLEXÕES A PARTIR DA
BIOGRAFIA DO MALCOLM X**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFV**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFV) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFV), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Bruno Mardson de Souza Oliveira

Título do trabalho: **A leitura como auxílio na ressignificação da identidade social de homens negros no cárcere: reflexões a partir da biografia do Malcolm X**

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Bruno Mardson de Souza Oliveira
(Nome completo do autor)²

Ciente e de acordo:

[Assinatura]
(Nome completo do orientador)²

Data: 20 / 12 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

BRUNO MARDSON DE SOUZA OLIVEIRA

**A LEITURA COMO AUXÍLIO NA RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE
SOCIAL DE HOMENS NEGROS NO CÁRCERE: REFLEXÕES A PARTIR DA
BIOGRAFIA DO MALCOLM X**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, no Curso de Biblioteconomia, como requisito parcial de avaliação na disciplina de TCC2. Sob orientação Prof.^a Dr.^a Andréa Pereira Santos

GOIÂNIA
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

OLIVEIRA, Bruno Mardson

A leitura como auxílio na ressignificação da identidade social de homens negros no cárcere [manuscrito] : reflexões a partir da biografia do Malcolm X / Bruno Mardson OLIVEIRA. - 2018.

LV, 55 f.

Orientador: Profa. Dra. Andréa Pereira dos SANTOS.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Biblioteconomia, Goiânia, 2018.

1. Malcolm X. 2. Leitura. 3. Identidade Social. 4. Homem negro. 5. Biblioteca Prisional. I. SANTOS, Andréa Pereira dos, orient. II. Título.

CDU 02

BRUNO MARDSON DE SOUZA OLIVEIRA

**A LEITURA COMO AUXÍLIO NA RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE
SOCIAL DE HOMENS NEGROS NO CARCERE: REFLEXÕES A PARTIR DA
BIOGRAFIA DO MALCOLM X**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, aprovado em 12 de dezembro de 2018, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores.



Professora Dr^a. Andréia Pereira dos Santos – Presidente da Banca
Universidade Federal de Goiás



Professor Me. Enaldo Dias Valério – Membro Examinador
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Não consigo pensar em agradecimento sem a memória do meu **pai** vir à mente (in memoria). Antes de tudo, de qualquer coisa, pai obrigado. Onde quer que esteja, muito obrigado. Sua força em superar as dificuldades, a vontade de nos ofertar uma vida melhor a qual o senhor sempre foi distanciado me incentiva a querer ser sempre mais. E serei. Obrigado por me tornar terra fértil e por ter sido boa semente nos 15 anos que pude dividir minha vida com você.

À minha **mãe** que sempre foi sinônimo de força, coragem e determinação. Nunca se poupou em aproximar os céus às nossas vidas e nos incentivar a estudar porque sua consciência de que a educação é uma ação libertadora sempre foi vigente em minha vida. Obrigado pela dedicação e esforço de todo sempre. Te amo.

Às minhas **irmãs** que são minhas amigas e parceiras e me orgulho em vê-las

Ao **Lucas** e sua **família** por todo apoio e carinho me dado durante esses longos 04 anos de graduação. Serei eternamente grato à vocês.

À **Walkíria** e **família** pelo incentivo dado a mim e minha família desde a época do ensino médio e por sempre ter torcido pelo nosso melhor.

Às **minhas amigades** constituídas na Universidade (que graças a Deus são muitas) desde o momento que entrei cursando Agronomia à minha saída da Biblioteconomia. Todas vocês fazem parte da minha história, vocês mudaram minha vida.

À **Thayse** pela melhor amizade que já tive na vida. Eu me encontro em você em todos os aspectos. Eu amo muito sua vida e me emociono e me orgulho muito dos nossos anos de convivência e dos próximos que virão. Eu me encho de amor quando lembro que tenho você ao meu lado.

À **Sarah** por chegar bem no finalzinho dessa etapa tão importante pra mim e por se mostrar tão intensa e presente em tudo que precisei. (Consegui ouvir sua voz escrevendo isso)

À **Poliana** por todo feito que fez a mim e todo diálogo e convivência. Devo muito disso tudo à você e esse agradecimento não é só dessa vida. Você merece o céu !

Aos meus queridos professores pelo incentivo em sempre me dar impulso para alcançar o melhor, **Zanza** e **Erinaldo**, obrigado ! Meu muito obrigado ! Meu coração os abraça. *Ubuntu* !

Aos meus colegas de estágio do Sesi, em especial à **Amanda** e a **Lívia** por sempre me incentivarem e às vezes acreditarem mais em mim do que eu mesmo. A Amanda e pelo diálogo de todo fim de tarde que me trazia a calma para o dia seguinte e a Lívia pela força, carinho e zelo em sempre me acompanhar e ser comigo. E a minha gestora, **Dielly**, que contribuiu muito para minha formação profissional e cumpriu seu papel como líder e hoje finalizo esta etapa a reconhecendo como tal e amiga.

E a **mim**, por nunca ter desistido ! Nesses 06 anos de universidade aprendi a ser meu próprio herói, meu próprio rei. Hoje reconheço meu valor e sei que ele é alto. Finalizo este trabalho com a certeza do profissional e pessoa que me tornei por suportar tanto de tudo e por ser resiliente todos os dias, mesmo em tempos difíceis de se respirar e ser quem é. Me orgulho do que sou, do porque sou e para quem sou: para mim e meus irmãos. Avante sempre.

*“ Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia.
‘Escrever é uma maneira de sangrar’. Acrescento: e de muito sangrar, muito e
muito...”* Conceição Evaristo.
“A gente combinamos de não morrer”. Olhos d’Água.

RESUMO

Tendo como base a biografia de Malcolm X, um dos maiores líderes dos direitos da população negra dos Estados Unidos, nosso objetivo geral é mostrar que através da leitura, um homem negro que iniciou sua vida no crime e que foi preso, conseguiu ressignificar sua identidade social através da leitura. Essa ressignificação identitária se diz respeito à total mudança na vida de Malcolm X durante o encarceramento e pós-encarceramento, após o seu contato com a leitura dentro de uma Biblioteca Prisional. Um corpo negro, com sua capacidade intelectual desacreditada desde a infância por uma professora do Ensino Fundamental, Malcolm fez das ruas a sua escola e nessa lacuna de vulnerabilidade entrou para o mundo do crime e não demorou muito para ser preso. Após um tempo na prisão, se tornou um usuário assíduo da Biblioteca e viu na leitura uma oportunidade de refazer sua vida. Tendo como referência a vida de Malcolm X, a oferta de práticas de leituras dentro do Sistema Carcerário voltado aos presidiários negros se faz necessária para que os mesmos entendam a importância da ressignificação de sua identidade social, da importância histórica e da raça poderosa a qual pertence. Tais práticas literárias se fazem importantes também na formação desses homens negros, vistos socialmente como um corpo braçal e sem inteligência intelectual. A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho foi a Biográfica, onde foi analisada a história de vida de um indivíduo e tida como verdade absoluta, onde buscou-se associar a singularidade biográfica de Malcolm X com aspectos globais como o racismo e preconceito contra o encarcerado. Por fim, essa distância entre a educação e o homem negro é fruto de uma sociedade racista que busca afasta-lo da educação e a leitura surge para aproximá-los, pois ela ajudará o detento a se readaptar ao mundo fora da prisão num contexto de ressocialização, assim como ocorreu com Malcolm X.

Palavras-chave: Malcolm X. Leitura. Identidade Social. Homem negro. Biblioteca Prisional.

ABSTRACT

Based on the biography of Malcolm X, one of the greatest black rights leaders in the United States, our general objective is to show that through reading, a black man who began his life in crime and was arrested, was able to re-signify his identity through reading. This identity resignification refers to the total change in Malcolm X's life during incarceration and post-incarceration after his contact with reading within a Prison Library. A black body, with its intellectual capacity discredited from childhood by an elementary school teacher, Malcolm made the streets of his school and in this vulnerability gap entered the world of crime and did not take long to be arrested. After a time in prison, he became a frequent user of the Library and saw in reading an opportunity to rebuild his life. With reference to the life of Malcolm X, the provision of reading practices within the Prison System directed at black prisoners is necessary for them to understand the importance of the re-signification of their social identity, the historical importance and the powerful race to which they belong . Such literary practices are also important in the formation of these black men, seen socially as a body arm and without intellectual intelligence. The methodology used in the elaboration of this work was the Biographical, where the life history of an individual was analyzed and taken as an absolute truth, where it was sought to associate the biographical singularity of Malcolm X with global aspects such as racism and prejudice against the incarcerated. Lastly, this distance between education and the black man is the result of a racist society that seeks to keep it away from education and reading it to bring it closer, as it will help the detainee to readapt the world out of prison in a context of re-socialization, as was Malcolm X.

Keywords: Malcolm X. Reading. Social Identity. Black man. Prison library.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA.....	13
2 METODOLOGIA	16
2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	16
3 A VIDA DE MALCOLM X	20
4 REFERENCIAL TEÓRICO (SUGIRO CRIAR UM TÍTULO)	25
4.1 ENCARCERAMENTO EM MASSA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL.....	34
4.2 BREVE HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS.....	40
4.2.1 Importância das bibliotecas prisionais.....	40
4.2.2 A leitura no espaço carcerário	44
5 BIBLIOTECA PRISIONAL ENQUANTO ESPAÇO PARA O ACESSO A INFORMAÇÃO E CIDADANIA (ANÁLISE DOS DADOS)	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho se propõe a discutir sobre o sentido da prisão como fator ressocializante na vida de homens negros. Público o qual desde o período Brasil – Colônia sempre foi marginalizado e afastado do acesso à educação por ser visto como um objeto de força física resistente, capaz de aguentar severas horas de trabalho. Surpreendentemente, tal pensamento se reproduz até os dias de hoje, justificando parte do racismo contra homens negros. Compreende também a importância da leitura e do acesso à biblioteca como causa imprescindível na formação do cidadão, da construção do seu ‘Eu’ e de sua formação intelectual.

Esse tipo de ação desenvolvida no presídio é característica da Biblioteconomia Social, onde ela tem se fundamentado, em casos como o de Malcolm X, pois ela percebe a necessidade de promover o acesso a informação para que demais pessoas possam desenvolver um senso crítico para exercer seus direitos, sua cidadania e viver em uma sociedade mais justa e igualitária. É uma Biblioteconomia que se preocupa humanamente com o seu usuário e sua formação como leitor, fugindo da tecnicidade de manutenção em livros.

Apresenta como **objetivo específico** analisar como as práticas de leitura são demonstradas na biografia do Malcolm X e a forma que outros homens negros no presídio relatados na obra se relacionam com a leitura e seu possível impacto na vida dos mesmos. O interesse dessa temática decorreu da premissa de que estamos inseridos em uma sociedade com realidades sociais bastante diferentes que ofertam oportunidades distintas a cada tipo de pessoa e essa situação é preocupante, pois ao mesmo tempo que privilegia uns, excluem outros.

Quando se fala dessa exclusão social, automaticamente, vem à tona a população negra, já que esta sempre foi ignorada e colocada à beira da marginalização. Um grande exemplo disto é o alto quantitativo de homens negros nos presídios em contraste com o baixo número em universidades, onde, segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) de 2014 dentre os 622.202 presos, 61,6% são

negros e em contra partida, apenas 26,5% dos estudantes universitários são negros (IBGE, 2015).

A partir da análise desses dados, surge a **problemática**: As práticas de leitura presentes na obra biográfica de Malcolm X podem representar uma contribuição para o processo de ressocialização de homens negros? A leitura carrega consigo diversas informações que quando processadas, são transformadas em conhecimento. Esse conhecimento é instrumento fundamental na formação/ capacitação do indivíduo, levando a crer que com ele o indivíduo aprimora sua capacidade intelectual e que por consequência, passa-se a ter maiores oportunidades para uma vida melhor. Baseando-se nesse exposto, a biografia de Malcolm X foi analisada e tida como exemplo verídico para ressocialização de homens negros.

A **hipótese** levantada para esse estudo sugere que a obra biográfica de Malcolm X, ao ser analisada a partir da literatura científica sobre práticas de leitura, apresenta elementos suficientes os quais comprovam a importância da leitura para o processo de ressocialização e inserção social de homens negros na sociedade.

Buscou-se como **objetivo geral** identificar, por meio da biografia de Malcolm X, a contribuição da leitura e o enriquecimento intelectual em especial ao homem negro presidiário.

E como objetivos específicos, objetivou-se:

- Analisar, na biografia do Malcolm X se o homem negro ressignifica sua identidade a partir da leitura no cárcere;
- Verificar de que forma foi realizada a mediação da leitura na trajetória carcerária de Malcolm X;
- Caracterizar quais tipos de leituras ele fazia;
- Detectar qual o impacto da biblioteca nessa mediação.

1.1 JUSTIFICATIVA

Como ambiente democrático, a biblioteca age no sentido de facilitar o acesso à informação e cidadania para todos, de maneira indiferente à raça, orientação sexual, religião ou a qualquer outra característica que possa a ser

usada como “gatilho” para atos discriminatórios. Freire (2003, p. 52, *apud*. SILVA NETO, 2011, p.48) defende que “para que os indivíduos passem a cidadãos, é necessário que a eles sejam oferecidas ferramentas para que se desenvolvam”. Desse modo, ela se mantém como núcleo de informação neutra, capaz de usar a leitura como ferramenta para acesso ao conhecimento, visando contribuir de maneira significativa na reconstrução social, identitária e educativa do homem negro.

Através do incentivo à busca por informação e conhecimento de um homem negro no presídio, Malcolm passou a utilizar o espaço da biblioteca para se desenvolver intelectualmente. Se aproximou da leitura e passou a estudar, pois percebeu que só através dela seria possível dar início a um novo recomeço. Nesse sentido, a biblioteca fundamentou o principal objetivo de um presídio: ressocializar o detento. Até então, nenhuma outra ocupação interna ofertada no presídio havia sido capaz de “abrir os olhos” de Malcolm para a importância de uma ressocialização verdadeira.

A escolha deste tema partiu da preocupação pessoal de como os homens negros são (mal) tratados socialmente. Ataques racistas e preconceituosos são constantes na vida da população negra e essas ações sempre vem carregadas de discursos de ódio e desmotivação que nos fazem querer desistir de continuar lutando por direitos igualitários e respeito. Nossa vida é baseada na luta pela sobrevivência e isso não vem de agora; é história de anos atrás que foi originalizada quando nossos antepassados foram retirados à força bruta de sua terra natal por mãos brancas de sangue e se estendeu por um longo caminho de águas salgadas de sofrimento. Além da motivação pessoal para elaboração deste trabalho, também existe a profissional. Durante a graduação entendemos a dinamicidade que o profissional bibliotecário deve ter e o cuidado ao analisar seu usuários para melhor entender sua demanda e fornecer o atendimento adequado que ele necessita. Além de trabalhar a organização do conhecimento, o bibliotecário é responsável pela formação de leitores e por consequência, pela sua formação social. Baseado nisso, na preocupação e cuidado com o outro, na responsabilidade social que esse tema emergiu, vi a necessidade de trabalhar a (re) construção da identidade social de uma classe tão marginalizada e atacada socialmente. Em momentos difíceis como os de hoje (mesmo antes

nunca tendo sido fácil) é fundamental falar sobre a importância da representatividade de grupos historicamente prejudicados como o da população negra. Não basta simplesmente não ser racista, é necessário ser anti-racista. A história de vida de Malcolm é um gole de esperança àqueles que se encontram “perdidos” em um mundo que oferece oportunidades extremamente desiguais e injustas, um homem que tinha tudo para dar errado e fez tudo dar tudo certo e colocou seu nome na história da humanidade por direitos iguais. Em outras palavras, este trabalho se fundamenta no cuidado e no zelo dos nossos, porque por mais que uma grande maioria nos queiram mortos e submissos, devemos nos manter cada vez mais vivos, unidos e ativos. Partindo dessas motivações, a partir daqui se dará início a introdução da vida de Malcolm X para melhor justificar a escolha desse indivíduo como exemplo social.

2 METODOLOGIA

Metodologia de pesquisa é entendida, segundo Prodanov e Freitas (2013), como a aplicação de técnicas e procedimentos que são utilizados para a construção do conhecimento com a finalidade de autenticar sua validade e utilidade nos vários campos da sociedade. Portanto, a “metodologia examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações”, direcionando para a solução do problema desenvolvido (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14).

2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

O método utilizado na pesquisa é classificado como Biográfico e bibliográfico, pois o objeto de estudo é o indivíduo, em sua forma singular. Para isso, é necessário fazer um levantamento histórico da vida estudada e neste caso, o levantamento histórico foi feito através da biografia do Malcolm X, pois apresenta uma enorme riqueza de informações a serem recolhidas, razão a qual esse indivíduo analisado se torna referência de análise que será voltada ao social.

O método biográfico surgiu no século XIX, pois pesquisadores viram que muitas de suas dúvidas não eram esclarecidas com os métodos tradicionais, então, ela surge como uma pesquisa oriunda da autonomia do pesquisador/observador, onde o mesmo tem interpretações livres a serem refletidas a partir do indivíduo estudado.

Como destaca Ferraroti,

Mas estava ciente na altura do perigo literário inerente a este material, ou seja, o de interpretar uma biografia específica com um destino absoluto e irredutível e, por isso, procurava conectar biografias individuais com as características globais de uma situação histórica precisa, datada e concreta (FERRAROTI, 1991, p.171).

Ferraroti é um dos maiores defensores da autonomia da pesquisa no âmbito biográfico, pois juntamente com a modernização do tempo e da sociedade, percebeu-se que suas necessidades também foram alteradas e para isso, era necessário um método que compreendesse melhor o estilo de vida das pessoas, pois nenhum dos métodos sociológicos existentes conseguiam ter uma interpretação mais sensata dessa nova população.

Em segundo lugar, o método biográfico correspondeu à exigência de uma nova metodologia diante do “capitalismo avançado”, isto é, uma metodologia que respondesse à necessidade do concreto, para que as pessoas pudessem compreender sua vida cotidiana, suas dificuldades e contradições. Desse modo, o método biográfico foi concebido como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microssociais. (SANTOS; GARMS, 2014, p.4095).

Ainda se tratando das atribuições do método biográfico, nota-se que se trata de uma ciência subjetiva que está ligada à interpretação do observador, que passa a ver a realidade de vida de outras pessoas dentro da biografia de um indivíduo específico que está sendo analisado, ou seja, este indivíduo específico passa a ser exemplo daquele microssocial.

Só a razão dialética nos autoriza a interpretar a objetividade de um fragmento da história social, na base da subjetividade presente de uma história individual. Só a razão dialética nos dá acesso ao universal e ao geral (a sociedade), começando pela individualidade singular (um determinado homem) (FERRAROTI, 1991, p.172).

Assim, é possível fazer uma melhor análise de forma mais efetiva do microssocial, pois toda a dedicação e pesquisa sobre o indivíduo específico passa a ser a mesma na interpretação e análise do social. Ferraroti (1991) também explica isso como “um movimento heurístico de ida e volta” onde vai do sistema social (coletivo) para a biografia e da biografia para o sistema social.

Esta relação do sistema social com a biografia é justificada através do sistema de totalização social, onde a sociedade cria instituições (familiares, escolares, profissional, etc) para que cada indivíduo possa se associar àquela que ele se identifica e dessa forma ela possa descreve-lo de forma geral. Ferraroti (1991, p.174) afirma que, “De modo similar, a sociedade totaliza cada individualidade específica por meios das instituições mediadoras que focalizam esta sociedade no indivíduo com crescente especificidade”.

Com isso, o presente trabalho apresenta uma perspectiva vertical do assunto onde objetiva analisar a sucessão de impacto da implantação da leitura como instrumento de ressignificação de identidade social do presidiário negro em suas regiões de mediação, como no próprio presídio e fora dele

dentro de seus grupos de convívio social.

Por se tratar de uma Metodologia Biográfica, a abordagem será qualitativa, pois a investigação é de caráter subjetivo e o objeto analisado se trata de um indivíduo específico com base em suas experiências pessoais, onde necessita-se trabalhar com interpretações, comparações e descrições.

Rossmann e Rallis (1998, *apud* Creswell, 2007) descrevem características que devem estar presentes na abordagem qualitativa:

- A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural, de forma que o pesquisador vai até o participante, o que permite uma melhor visão e envolvimento do pesquisador com o participante;
- A pesquisa qualitativa utiliza-se de múltiplos métodos de coletas de dados, que são interativos e humanísticos, e buscam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo;
- Uma parte considerável da pesquisa qualitativa surge durante o próprio estudo, podendo as questões de pesquisa mudar e ser refinadas, o processo de coleta de dados pode se alterar para se adequar a novas situações, como dados que se disponibilizam e dados que deixam de estar disponíveis etc.;
- A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, ou seja, ela surge da interpretação que o pesquisador faz dos dados coletados;
- A pesquisa qualitativa fornece uma visão ampla e abrangente dos fenômenos, ao invés de microanálises;
- O pesquisador qualitativo busca reconhecer os vieses que ele próprio traz à pesquisa, através de uma reflexão sistemática sobre quem ele é na pesquisa;
- O pesquisador qualitativo usa um raciocínio complexo multifacetado, interativo e simultâneo;
- O pesquisador qualitativo adota uma ou mais estratégias de investigação em seu estudo.

A natureza da pesquisa foi qualitativa, pois ela age na subjetividade da pesquisa. Busca identificar os fatores que ocasionaram os acontecimentos daquela situação sob um ponto de vista pessoal.

A pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001:14) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem vindo a alargar o seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada pelo empirismo, subjetividade e o envolvimento emocional do pesquisador. (FONSECA, 2002, p.20)

Ou seja, ela objetiva identificar as emoções e reações das pessoas envolvidas na pesquisa afim de capturar as suas impressões pessoais com base na subjetividade.

3 A VIDA DE MALCOLM X

Malcolm X tem sua história marcada como um dos principais representantes pela luta dos direitos de negros nos Estados Unidos.

Ele nasceu no dia 19 de maio de 1925, em Omaha. Teve como grande exemplo a luta do seu pai, Earl Little, pela sobrevivência da população negra nos Estados Unidos. No livro, “Malcolm X: uma vida de reinvenções” Marable (2013) existem vários relatos da influência de seu pai em sua vida e da forma que a sociedade americana agia com a população negra. Durante sua infância, Malcolm presenciou diversos ataques racistas à sua família e pessoas próximas, mas como seu pai sempre foi um homem que teve consciência racial e sabia qual papel exercia na sociedade, repassou isso a ele.

Quando negros locais resistiam à discriminação racial, os brancos os rejeitavam. Como persistia em tentar convencer negros a se organizarem, Earl Little era visto como um desses criadores de caso. Mas Earl atribuía suas dificuldades para conseguir emprego regular à classe média negra de Lansing, que devia com desdém os garveyistas. Ele costumava fazer sermões, como convidado, em igrejas negras, e a oferenda irrisória que recebia significava a sobrevivência da família. Malcolm foi ensinado a não ter senão desprezo pelos cidadãos que se sentavam para ouvir seu pai. Estava convencido de que os líderes negros de Lansing iludiam-se a si mesmos, no que dizia respeito a seu verdadeiro lugar na sociedade. “Não conheço cidade com percentagem mais alta de negros ditos de ‘classe média’, tão satisfeitos consigo mesmos e tão equivocados – tipo voltados para símbolos de status e ansiosos por integração -, do que Lansing”. Mas a esses burgueses negros faltavam os recursos de uma verdadeira classe média. (MARABLE, 2013, p.39)

Aos 06 anos de idade, Malcolm e sua família recebe a notícia de que seu pai havia sido morto nos trilhos de um trem com seu corpo partido ao meio. O laudo policial afirma que ele escorregou e caiu nos trilhos, mas o fato de ter sido um ataque racista pelas suas lutas não foi levado em consideração.

Quando abriu a porta, cuidadosamente, deparou com um jovem policial do estado de Michigan, Lawrence G. Baril, que lhe deu a terrível e temida notícia: seu marido fora gravemente ferido num acidente e estava no hospital. Horas antes, Baril tinha sido chamado à cena de um acidente envolvendo um bonde. Era o primeiro acidente grave que o jovem oficial investigava; a forte impressão que teve, como posteriormente

relatou sua mulher, Florentina, foi a de que “o homem tinha sido cortado em dois... o acidente foi muito violento”. A polícia levantou imediatamente a hipótese de que Earl escorregara e caíra ao subir de noite num bonde andando. Talvez tivesse errado o passo e sido arrastado para perto das rodas traseiras do bonde. A possibilidade de Earl ter sido vítima de violência racista jamais fora levada em conta. (MARABLE, 2013, p.42)

Como acontece em várias famílias negras e com baixa renda econômica que são sustentadas pela figura paterna, a pós morte de Earl ocasionou numa profunda desestabilidade financeira, onde a família Little chegou a passar fome e sofrer ameaças constantes do Estado em tomar a guarda de Malcolm e seus irmãos de Louise, sua mãe, por ela não ter suporte financeiro nem psicológico para criá-los. Sua mãe era filha de uma mulher negra e um homem branco, o que a fazia ter uma cor de pele mais clara e, por isso, conseguia empregos domésticos com mais facilidade, mas isso não era o suficiente para sustentar uma casa.

Com a morte súbita do patriarca, a família Little mergulhou no abismo da pobreza. Earl deixou um seguro de vida de mil dólares, que foi pago a Louise, mas ela não conseguiu ficar com o dinheiro por muito tempo. A notícia da morte do marido levou uma multidão de petionários ao tribunal de sucessões, exigindo pagamento de serviços prestados. O médico U.S Bagley, por exemplo, apareceu para cobrar 99 dólares, alegando ter assistido o nascimento dos filhos mais novos de Louise e Earl – Yvonne e Wesley -, além das visitas domiciliares que fez para tratar da pneumonia de Philbert. Contas de dentistas, aluguéis, consertos e trabalho – tudo isso se acumulou; até a empresa funerária tinha cerca de quatrocentos dólares a receber, incluindo despesas de sepultamento na Geórgia. (...) Depois de pagar os gastos com o tribunal e os honorários do administrador de sucessões, o dinheiro do seguro praticamente acabou. (MARABLE, 2013, p.43)

Por fim, os dois irmãos mais velhos foram deixados à própria sorte e os demais foram adotados. Era a separação da família.

Na adolescência, Malcolm se mudou para Boston para viver aos cuidados de sua meia irmã mais velha, Ella, juntamente com dois irmãos mais novos. Lá Malcolm se deparou com uma realidade diferente da que ele conhecia. Era um bairro “seguro” de classe média onde negros e brancos andavam juntos sem receio. Malcolm passou a frequentar a escola mas não fora

estimulado a continuar com os estudos, pois o peso de ser um jovem negro buscando educação foi maior do que tudo. Algum tempo depois, ele começa a se envolver com o crime - fato que socialmente já era esperado – e logo depois foi preso. Do grupo que o acompanhava nos crimes, ele pegou a maior pena.

Malcolm Little, que ficou conhecido como Malcolm X, tornou-se um bom aluno. Mas, após ser desacreditado por um professor, mudou-se para Boston e assumiu uma vida boêmia. Teve uma companheira negra chamada Laura, mas a trocou por uma mulher branca de nome Sophia. Mesmo após Sophia se casar com um homem branco, Malcolm continuou sendo seu amante. O jovem Malcolm fingiu-se de louco para evitar o serviço militar e teve vários empregos, frequentou ambientes de crime e prostituição. Não tardou para que ele também se tornasse traficante e cometesse os primeiros assaltos. Malcolm foi jurado de morte no Harlem e um amigo seu providenciou para que voltasse a Boston. De volta a esta cidade, formou um grupo com o amigo que morava, Shorty, e Sophia e sua irmã para assaltar casas. As primeiras investidas foram favoráveis ao grupo, mas eles foram descobertos e presos. Coube a Malcolm a maior pena entre eles, onze anos de cadeia. (MARABLE, 2013, p.45)

Na prisão, Malcolm apresentava um comportamento rebelde e indisciplinado. As constantes visitas de sua irmã Ella e seu irmão Reginald e as conversas que tinham com Malcolm, o ajudaram em sua transferência para uma cadeia de reabilitação profissional. Nessa cadeia de reabilitação profissional, Malcolm teve acesso à uma biblioteca onde pode estudar e se qualificar. Tomou gosto pela leitura através do incentivo de um amigo, Bembry, um homem negro e mais experiente do que Malcolm na cadeia. Malcolm de certa forma se inspirava nele o tinha como referência de intelecto, porque até então, Bembry era o homem negro mais inteligente que ele conhecera.

Malcolm era conhecido como Satã na prisão por apresentar uma postura rebelde e anti-religiosa. Mas, por influência do irmão Reginald, converteu-se ao islamismo. Foi transferido, então, para uma cadeia de reabilitação profissional e tornou-se um leitor faminto de sua biblioteca. Recebeu da Nação do Islã o “X” para o seu nome que teria sido revelado por Deus como nome verdadeiro de sua família, ficando conhecido como Malcolm X. Teve um crescimento muito rápido dentro da Nação Islã e foi nomeado ministro do principal templo estadunidense, o de Nova York. (MARABLE, 2013, p.46)

Malcolm se torna Malcolm X após sua conversão ao Islã. Tudo isso ainda se deu dentro da cadeia de reabilitação profissional. Após a sua saída, Malcolm X tem uma rápida ascensão no islamismo e alcançar visibilidade não só no âmbito religioso, mas nacional e depois internacional.

Malcolm X casou-se com Betty e dedicou-se a trabalhar pelo crescimento da Nação do Islã. Foi fundador de um jornal sobre muçulmanos negros, o que lhe rendeu convites para falar em programas de rádio e TV e em universidades. Tornou-se uma personalidade mais conhecida que Martin Luther King e o próprio presidente John Kennedy, o que despertou o ciúme dentro da Nação do Islã. Os muçulmanos negros conspiraram para que ele parecesse um traidor e o resultado foi seu banimento da Nação do Islã. Após sofrer tal humilhação, foi à Meca para conhecer melhor o Islã e iniciou uma nova fase em sua vida. Voltou aos Estados Unidos e fundou a Organização da Unidade Afro-Americana que não se tratava de um grupo religioso e tinha o objetivo único de unir os afro-americanos. (MARABLE, 2013, p.47)

A visibilidade alcançada por Malcolm X e seus discursos de empoderamento do negro americano passaram a incomodar as estruturas sociais rígidas vigentes naquele tempo. Malcolm X cresceu, se libertou, se transformou, foi contra toda a baixa expectativa de vida que nele era depositada e isso tudo teve um alto preço.

Malcolm X se destaca na história dos Estados Unidos no século XX por ser um negro de grande repercussão e que defendeu os direitos da comunidade negra. Percebeu que a questão do negro não estava ligada apenas a um fator religioso, mas tinha relação com a estrutura do capitalismo. A organização que fundou passou a assumir o socialismo e foi muito influente nas ações do movimento negro da década de 1960. Lamentavelmente, Malcolm X foi assassinado no dia 21 de fevereiro de 1965 ao receber 16 tiros no peito na sede de sua própria organização. Malcolm tinha apenas 39 anos, possuía quatro filhos e sua esposa estava grávida de mais um. (MARABLE, 2013, p.49)

O assassinato de Malcolm X não foi só um atentado à sua própria vida ou família mas também a tudo que ele representava: ex- presidiário, negro e militante. Sua morte soou como mais uma imposição de medo às classes discriminadas historicamente (antes chamadas de Minorias Sociais) e restrição da liberdade. Sua voz imponente e sua força pela luta contra a discriminação racial e empoderamento negro incomodou às estruturas sociais racista

americana. Coincidentemente, em 14 de março de 2018, Marielle Franco é assassinada no Rio de Janeiro. Mulher negra, oriunda de comunidade periférica, vereadora e militante dos direitos da população negra. Suas características e sua voz se aproximam da trajetória de vida de Malcolm X e a morte dessas duas figuras bastante representativas para a população negra, em especial, implica que a luta continua e que jamais nos calarão.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O homem negro é popularmente conhecido como um corpo físico resistente, capaz de aguentar duras horas de trabalho braçal; um corpo primitivo e selvagem que também é hiperssexualizado. Ou seja, o homem negro é reduzido a um objeto de caráter grotesco.

Mais de qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas ou, como nós que crescemos nos anos 1950 costumávamos dizer, pessoas lentas (isto é, pouco inteligentes). (HOOKS, 2004, p. 678)

A figura do homem negro sempre gerou incomodo na sociedade, pois ele era sinônimo de pura força e resistência física e letrá-lo seria um erro. Afinal, porque se preocupar com a educação de alguém de não se afastará dos serviços manuais do campo ? Quando alfabetizado, ele representava força e “malandragem”. Ou seja, em todas as esferas conceituais, o homem negro sempre foi sujeito de discriminação e agressão verbal, por vezes, até física. Hooks (2004, p.678) expõe:

Na infância, era óbvio para todos em nosso bairro negro que, quando um homem negro pensava demais, ele passaria a ser visto como uma ameaça pelo mundo racista. Não havia correlação entre a habilidade de uma pessoa para pensar, para processar ideias e nível de escolaridade. Homens negros bem educados tinham aprendido a atuar como incultos, iletrados e ignorantes em um mundo onde um negro inteligente corria o risco de ser punido.

A partir da citação a cima, entramos em um assunto mais específico: a escolarização do homem negro. O povo negro sempre teve de lutar pelo direito de educar a si mesmo. Algo que pode ser básico para outros sujeitos, para a população negra nunca foi. Meninas negras eram educadas nas escolas para mais tarde trabalharem em ambientes domésticos, enquanto meninos negros tinham sua formação voltada para o campo, ou seja, era mais importante

utilizá-los em trabalhos que exigiam força física do que trabalhar o intelecto, pois não era interesse trabalhar a educação de alguém que socialmente era visto como inferior e passível de brutalidade. Assim, eram cada vez mais afastados do tal direito à educação e isso explica a alta quantidade de homens negros não alfabetizados. Segundo a Folha de São Paulo (dezembro de 2017):

O país tinha 11,8 milhões de analfabetos no ano passado, divulgou o IBGE nesta quinta-feira (21). O número representa 7,2% da população de 15 anos ou mais. A taxa entre pretos e pardos é de 9,9%, mais de que o dobro da de pessoas brancas (4,2%).

Através dos dados acima citados, várias questões históricas surgem como explicação para números tão discrepantes. Como já falado neste trabalho, o acesso a educação da população negra a ela sempre foi negada, enquanto negros e negras trabalhavam severamente para viver, pessoas brancas eram privilegiadas pelo acesso ao ambiente escolar e conforto de um bom lar. Esses acontecimentos são uma reprodução do que acontecia desde o período da escravidão e formação do Brasil. A sociedade se conforta no discurso racista impregnado nas estruturas sociais de que o corpo negro vale menos que o corpo branco e esse fato é comprovado através de dados como esse, que expõe o alto quantitativo de homens negros no presídio em relação ao homem branco e do alto quantitativo de homens brancos em universidades e do baixo quantitativo de homens negros nesse mesmo ambiente. São número inversamente proporcionais justificados pelo tratamento social que também se inverte proporcionalmente. Não há como oferecer as mesmas condições de vida se o tratamento dado a elas são distintos.

Ainda ao que se refere ao fator socioeconômico, Alvim (2006, p.4) explica:

Os presos, em sua maioria são jovens oriundos das camadas sociais mais pobres, já marginalizados socialmente, filhos de famílias desestruturadas, que não tiveram e não têm acesso à educação nem à formação profissional. São, portanto, pessoas que estão numa situação já delicada e, se não encontrarem as devidas condições necessárias nos presídios, jamais poderão voltar à sociedade como cidadãos de bem.

As classes sociais mostram as desigualdades da sociedade capitalista, onde as classes sociais mais baixas acreditam que é no esforço do trabalho físico que se encontra o necessário para sobreviver. Em outras palavras, pessoas de baixa renda passam todo seu tempo trabalhando e se sacrificando

para não continuarem na mesma situação que se encontram, da pobreza. E isso faz com que elas não tenham tempo para estudarem ou investirem em ações que tragam benefícios a longo prazo, pois seu tempo é inversamente proporcional às cobranças que recebe. Essa situação é vivida e reafirmada nas mentes dos mais jovens de uma forma tão brutal que os faz se afastarem da escola e se aproximarem ainda mais de trabalhos que exigem força física, pois estes trabalhos denotam de uma mão de obra barata e “desqualificada”, pois o mercado qualifica o trabalho e o julga pelo seu currículo, ou seja, o ser humano fica reduzido às características que são atribuídas ao seu *curriculum vitae*. Segundo uma pesquisa da Revista Educação (2017), este fato é comprovado através de números que quantificam a baixa porcentagem de estudantes negros que permanecem em instituições de ensino:

É justamente no momento crítico da adolescência que a desigualdade se acentua no âmbito da educação. Na faixa dos 15 aos 17 anos, que corresponde ao período ideal em que o aluno deve cursar o ensino médio, pouco mais de 55% de pretos e pardos permaneciam na escola em 2014, contra 70,7% dos estudantes brancos (o que já é um índice bastante aquém da meta estabelecida pelo Plano Nacional de Educação para 2024, de ter 85% dos jovens entre 15 e 17 anos cursando a etapa).

Assim, o jovem negro ao se distanciar do ensino se aproxima de um trabalho que não o valoriza e não contribui em nada para sua formação como cidadão, é apenas um trabalho de sobrevivência.

Borges (2018, p.06) conclui:

Acreditar que o elemento de classe não está informado pelo contexto e elemento racionalizado e colonial da sociedade brasileira, é invalidar que negros são 76% entre os mais pobres no país, que 3 em 4 negros estão presentes entre os 10% com a menor renda do país ou que, em 2015, negros recebiam, em média, 59,2% do rendimento dos brancos, mesmo com políticas afirmativas e de incentivo implementadas nos últimos anos. Aliás, este é um importante elemento que precisa ser debatido e enfrentado no âmbito das políticas públicas. Como que, mesmo com políticas de geração de emprego e renda que atingiam prioritariamente a população negra, a pirâmide racial do país pouco mudou? A advogada e intelectual Michelle Alexander chama isto de sistema racial de castas.

É de suma importância influenciar o jovem negro a frequentar ambientes que lhe forneçam informação e conhecimento, como escola e biblioteca.

Almeida (2008, p.7) afirma:

A leitura – fator essencial para a compreensão da realidade – serve para reforçar valores éticos e morais, como também para desenvolver a criatividade em uma abordagem diferenciada e desafiadora. A leitura faz parte da vida. Com isso, sua prática deve ser envolvente e cativante a ponto de gerar necessidade e satisfação pessoal. Devemos proporcionar aos alunos um convívio com a leitura, oportunizar que ela cumpra seu papel: alargar, por meio da leitura dos signos, a leitura do mundo e privilegiar a leitura para a aquisição de conhecimento, entender como um processo histórico-social que promove e capacita o indivíduo, acreditar que o ensino de uma leitura crítica é um componente do processo de desenvolvimento e de conscientização, que permitirá ao indivíduo uma reflexão mais cuidadosa em relação aos atos sociais nos quais está inserido.

Dessa forma, podemos perceber que a leitura se faz necessária não somente para a construção de intelecto individual mas também de uma construção social e racional, onde percebe-se que ela é uma aliada fundamental no desenvolvimento coletivo. Onde passa-se a perceber o papel social de cada indivíduo e sua luta para conquistar maiores espaços e ter maiores oportunidades. Assim, a leitura capacita e o torna cidadão.

O processo de leitura do homem negro no cárcere está intimamente ligado com o ato de se “descobrir negro”, pois, afirmando sua identidade através de uma literatura sobre si mesmo, se obtém conhecimento da realidade social concreta. É onde passa-se a ver que fomos educados para agir e se comportar nos moldes sociais instaurados pela população branca, onde a cultura afrodescendente é renunciada todos os dias, causando um sentimento de exclusão na população negra.

Logo, ao se “descobrir negro”, aceitar a sua cor e sua origem, você passa a entender o papel social e histórico que carrega e sua importância. Passa-se a se enxergar em um coletivo, de ser o que é, porque são. Através do “descobrimento racial”, o sujeito está dando um passo à sua libertação do racismo, onde ele conseguirá identificar falas e ações preconceituosas veladas atrás de atitudes que muitas vezes parecem normais mas que são agressivas. “Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua

herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (SOUZA, Neusa Santos, 1990, p.15).

Portanto, a leitura desempenha um papel importantíssimo na ressignificação da identidade social do homem negro. Através dela o sujeito se conhece, amplia seu conhecimento de mundo, passa a compreender as estruturas sociais, como a sociedade funciona e como ela o trata. Enfim, a leitura expande horizontes e nos leva a ter uma visão que vai muito além do plano físico.

Brito (2010, p.1) afirma:

(...)é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. Ao lermos um texto estabelecemos um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, atribuindo significado ao que lemos, utilizando assim apropriadamente os recursos argumentativos para sustentarmos nossos pontos de vista.

Pode-se perceber que a leitura possui caráter de formação individual e coletiva, onde ela trata o sujeito e o prepara para o convívio social, independente do ambiente onde ela é aplicada (escola, presídio, biblioteca comunitária e etc.) e o prepara para as diferenças existentes no mundo sem deixar de lado suas experiências pessoais, pois essas foram e são importantes para construção do que você é hoje e de forma indireta, se conecta com a vivência do próximo.

Podemos ressaltar que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais, o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida. (BRITO,2010, p.03).

É necessário exaltar o “eu” do detento para que ele possa se encontrar na leitura e se ver representado de alguma forma. Essa “exaltação” diz respeito ao reconhecimento da trajetória de vida dele, onde sua vivência pessoal será

um dos fatores essenciais para absorção daquelas informações a serem adquiridas.

Brito (2010, p.10) justifica:

Cada leitor ao fazer uma leitura, trava um contato direto com o texto, trazendo para o seu objeto de leitura as suas experiências pessoais, suas ideologias, seus conceitos, é isto que faz o ato de ler tão importante. O leitor se tornará um co-autor do texto, deixando suas características e “cada leitura é uma nova escritura de um texto. O ato de criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor, mas o leitor”. Ler não é descobrir o que o autor quis nos dizer, “[...] ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e nesse trabalho que ele se constrói leitor. Suas leituras prévias, suas histórias como leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho o constitui como leitor e assim sucessivamente”.

A leitura vai muito além do ato físico de ter um livro e analisar aquelas letras impressas no papel; ela é uma ação voltada a interpretação de tudo aquilo que está a sua volta (ou não), porque conhecimento de mundo é muito importante na interpretação daquilo que está sendo lido. Mas essa interpretação de mundo se torna algo subjetivo, já que nem todos cidadãos tem acesso suficiente às informações dispostas que se enquadram dentro do que está sendo chamado de “conhecimento de mundo”. Entende-se que fatores socioeconômicos influenciam fortemente ao acesso à informações, ao processo de leitura.

Zilberman (1998, p.14) conclui:

Uma certa ideologia garante o arranjo dessas peças, expandindo a noção de que a leitura distingue os indivíduos. Essa diferença advém das oportunidades desiguais de alfabetização de que pessoas e grupos dispõem, portanto se origina na organização da sociedade, dividida em classes menos e mais privilegiadas. Porém, ao considerar o domínio individual da habilidade de leitura, o sintoma dessa repartição, obscurecem-se as causas sociais e transfere-se o problema para outro nível, o pessoal.

Sendo assim, é necessário trabalhar formas de leituras mais inclusivas voltadas à um público que sempre foi afastado da leitura e aproximado do trabalho braçal (o jovem negro), como já foi falado anteriormente.

A importância de se aplicar esse tipo de trabalho no cárcere se dá em decorrência do sistema carcerário brasileiro funcionar como uma “escola de crime”, segundo Alvim (2006), onde argumenta que as penitenciárias brasileiras não são instituições capazes de promover a ressocialização dos sujeitos. Socialmente o presidiário é tido como alguém irre recuperável, passível de descarte, onde uma vez condenado à reclusão social será mal visto para sempre. O intuito do cárcere é recuperar socialmente este indivíduo, mas como recuperá-lo se o próprio sistema carcerário e nem a sociedade se dispõe a tratá-lo de forma eficaz ?

Alvim (2006, p.2) afirma:

Está claro para todos que o sistema penitenciário desse país está falido, bem como as penas aplicadas são equivocadas, urge portanto que se busquem alternativas para que os infratores possam ser recolhidos em instituições capacitadas que tratem o interno como um ser humano que errou e deve refletir sobre seus atos para que não mais os pratique em desacordo com a lei e, dessa forma, possa ser reincorporado à sociedade.

A Biblioteca Prisional surge nesse ambiente em específico como ferramenta de recuperação social, pois se trata de um ambiente de socialização e promoção de conhecimento que busca dar base ao presidiário para o aprendizado e ressocialização. É importante também que um profissional bibliotecário esteja à frente desta unidade de informação, pois dentre as suas atribuições profissionais, está a de melhor orientar seu usuário e compreendê-lo, de forma que perceba as ações que deve tomar, pois não se trata de uma biblioteca comum e sim, de uma biblioteca caracterizada como “especial”, pois ela recebe esse título pelo público que se destina e não pelo acervo que possui.

A biblioteca nos presídios tem como proposta a reintegração social dos detentos através de atividades por ela desenvolvidas no espaço prisional. Assim, as bibliotecas prisionais podem ser caracterizadas como locais de oportunidades para os apenados, onde entre outras atividades, eles têm acesso à educação, à leitura, ao convívio social com os outros presos e com profissionais que atuam nesses espaços de apoio

educacional.
(SILVA NETO, 2011, p.57)

É necessário salientar que a biblioteca em si não é somente um espaço físico destinado ao armazenamento de livros, ela é também um ambiente capaz de promover ações sociais, culturais, educativos etc. e a partir disso, percebemos que a biblioteca pode ser um importante instrumento para auxiliar na formação dos presos e torná-los aptos a uma vida digna em sociedade. Através de um trabalho informativo a biblioteca pode mostrar possibilidades de atuação profissional, bem como auxiliar no processo de formação leitora dos presos. Essas são apenas algumas funções de uma biblioteca dentro de uma prisão. Na biografia de Malcolm X, existem relatos sobre a estrutura e funcionamento dos presídios que ele passou. Marable (2013, p.88) relata “Ao visitá-lo, Ela não ficou nem um pouco feliz com o que viu – que ele não aproveitava para refletir, de forma séria, sobre as razões que o levaram à cadeia, ou sobre as consequências que isso teria para ele.” Esse é um exemplo claro de que o presídio por si só, não ressocializa o detento e nem o trata. No caso, não existia ações para uma real reinclusão social, de forma que o detento refletisse sobre sua vida e buscasse alternativas de mudar seu futuro, ou seja, o presídio não estava cumprindo com o seu real objetivo.

Não foi o sistema penitenciário e nem os seus dirigentes que mostraram a Malcolm a real importância de mudar seus hábitos e o porque disso (talvez por falta de consciência social ou pela ausência de políticas públicas de inclusão), mas foi através da imagem de um outro detento negro que Malcolm percebeu que necessitava de uma mudança, mas não sabia como.

Bembry, cerca de vinte anos mais velho que Malcolm, deslumbrou o jovem com sua habilidade intelectual. Foi o primeiro homem negro que Malcolm conheceu na prisão (e possivelmente fora da prisão também) que parecia conhecer quase todos os assuntos, e tinha habilidade verbal para manter praticamente qualquer tipo de conversa. (MARABLE, 2013, p.89)

De forma indireta, Malcolm se viu em Bembry, pois possuíam alguns fatores em comum, como o fato de serem homens negros no presídio. Malcolm viu em Bembry alguém a se inspirar, alguém admirável que impactava outras pessoas. Marable (2013, p.89) afirma que Malcolm sentia inveja da reputação intelectual que Bembry tinha e isso o instigava a querer ser como ele. Bembry

foi para Malcolm um indivíduo inovador, pois como a sua própria biografia retrata, ele nunca tinha visto um homem negro culto, dotado de conhecimentos intelectuais e possivelmente, Malcolm viu em Bembry uma esperança para uma vida melhor, pois se viu representado nele. A representatividade negra é um fator de máxima importância e contribuição para a população negra, pois em um mundo em que tudo é feito e voltado para a população branca, a população negra fica excluída de forma indireta e quando se há representatividade negra, é uma forma de representar que a população negra ali se enquadra, tanto fisicamente como intelectualmente, como foi o caso de Bembry com Malcolm, ou seja, Bembry foi a representatividade de que Malcolm precisava.

Ainda citando os benefícios que a companhia de Bembry trouxera a Malcolm, tem a sua sugestão de aproximação à biblioteca. Pois diferentemente de Malcolm, Bembry reconhecia a importância dela como formadora de opinião e cidadania.

Durante semanas, Bembry observou cuidadosamente o comportamento indisciplinado do jovem colega de oficina. Finalmente, puxando Malcolm para um canto, ele o desafiou a usar o intelecto para melhorar sua situação. Bembry insistiu para que fizesse cursos por correspondência e usasse a biblioteca, recordava-se Malcolm. Hilda já lhe dera conselho parecido, implorando ao irmão para “estudar inglês e caligrafia”. Malcolm consentiu: “Sentindo que dispunha de tempo de sobra, foi o que fiz.” (MARABLE, 2013 , p.89)

Bembry teve empatia pelo seu irmão de cor e sabia da importância e tamanha contribuição que isso traria a vida de Malcolm. Fora sua família, ele foi o único que se preocupou com a recuperação social de Malcolm e formação de seu intelecto, talvez por saber que um homem negro quando bem instruído, é capaz de conquistar tudo o que quiser.

Após acatar os conselhos de Bembry, Malcolm se tornou um frequentador assíduo da biblioteca. Marable (2013, p.90) afirma:

Devorou os livros existentes na pequena biblioteca de Charlestown, particularmente os de linguística e etimologia. Seguindo o conselho de Bembry, começou a estudar um dicionário, memorizando as definições de palavras, tanto as de uso corrente como as de significado obscuro.

Dentre os impactos que a utilização da biblioteca causou em Malcolm, Marable (2013, p.90) retrata a primeira:

Em 28 de julho, numa dessas cartas, Malcolm empregou suas forçadas habilidades linguísticas, com bons resultados: “Desde que fui confinado, já obtive um diploma em Inglês Elementar, por meio de cursos por correspondência do Estado. Estou bastante insatisfeito, porém. Há muitas coisas que eu gostaria de aprender e que me seriam úteis, quando eu recuperar a liberdade.”

Aqui podemos perceber a mudança no estilo de vida e nas ambições de Malcolm, onde ele consegue ter esperança no futuro e almejar algo melhor para si e tudo isso, graças ao acesso à informação disposto na biblioteca que, claramente, estava cumprindo com um de seus vários papéis: contribuição na formação do cidadão.

Mais adiante, ainda conseguimos identificar mudanças – para melhor, do ex indisciplinado Malcolm. Marable (2013, p.92) contextualiza: “Essa nova vida convinha ao recém-disciplinado Malcolm, que deu prosseguimento a seu plano de instruir-se o mais amplamente possível. Participava, com empenho, das atividades do presídio, alargando sua agenda de leituras para nela incluir obras sobre o budismo.”

A partir de leituras e das cartas que recebia de um de seus irmãos, Reginald, Malcolm se aproximava cada vez mais do budismo. E o que fez escolher, de fato, essa religião foi a representatividade negra que ela carrega. “‘Seu verdadeiro nome é Alá’ – e se revelara anos antes a um afro-americano chamado Elijah – ‘um negro, exatamente como nós’” afirma Marable (2013, p.93).

Enfim, a biblioteca prisional adquire relevância no espaço penitenciário, oferecendo aos presos informação útil, apresentando a oportunidade de aperfeiçoarem habilidades literárias, de atingirem os seus interesses culturais e de aprendizado, abrindo, com isso, uma janela para o mundo exterior (TRINDADE, 2009, p. 47).

4.1 ENCARCERAMENTO EM MASSA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

O Brasil é o país com a segunda maior população negra do mundo, segundo o IBGE (2015), os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população, perdendo apenas para a África. E paralelo a isto, também abrigamos a terceira maior população prisional, perdendo apenas para Estados Unidos e China (INFOPEN, 2014).

“São 726.712 mil pessoas presas no país. O que significa cerca de 352,6 presos para cada grupo de 100 mil habitantes.” (BORGES, 2018, p. 10).

Esse quantitativo é assustador, pois demonstra a forma que lidamos com “problemas sociais”: lançando-os à instituições privativas de liberdade e atribuindo à elas papéis de correção social. E esse quadro se agrava ainda mais quando percebemos que essa população carcerária não é multicultural, ou seja, existe um grupo majoritariamente dentro delas: o de negros.

(...) 64% da população prisional é negra, enquanto que este grupo compõe 53% da população brasileira. Ou seja, dois em cada três presos é negro no Brasil. Se cruzarmos o dado geracional, esta distorção é ainda maior: 55% da população prisional é composta por jovens, ao passo que esta categoria representa 21,5% da população brasileira. Caso mantenhemos este ritmo, em 2075, uma em cada 10 pessoas estará com privação de liberdade no Brasil. (BORGES, 208, p.11)

O sistema carcerário brasileiro não educa, não corrige, não ressocializa e tão pouco se preocupa com a vida. Os resultados do aprisionamento, como pena, que é a negação da liberdade não tem obtido saldo positivo, já que com o passar do tempo o quantitativo de encarcerados só aumenta. Neste trabalho, o foco de crítica de aprisionamento é a população negra, portanto, com base no exposto, o racismo no Brasil é algo enraizado e perpassado que números estrondosos como estes não geram questionamentos. Por que temos tantos negros reclusos de liberdade ? Quais fatores levam para que a população negra carcerária seja maior ? Perguntas como estas que carecem de respostas são tidas como ataques porque vivemos em uma sociedade racista e estamos submetidos à um sistema racista que nega o racismo. Simplesmente, não há como negar o racismo perante estes dados.

Dentre os sistemas sociais os quais estamos subordinados, o sistema prisional brasileiro também é racista e contribui para o aumento da população negra em situação prisional:

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por esta estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial. Além da privação de liberdade, ser encarcerado significa a negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades. Tanto o cárcere quanto o

pós-encarceramento significam a morte social destes indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial, em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcança-la. Esta é uma das instituições mais fundamentais no processo de genocídio contra a população negra em curso no país. (BORGES, 2018, p.12)

A partir deste exposto, infere-se que com base na reprodução e repasse de discursos racistas, a população negra carcerária sofre ainda mais quando relacionada à população branca também em situação de privação de liberdade. Isso só comprova o despreparo por parte do sistema prisional que tem seu olhar inclinado pro negro como bandido e pro branco como mocinho.

Em outras palavras:

... não é preciso esconder preconceitos em relação a criminosos. A figura do criminoso abre espaço para todo tipo de discriminação e reprovação com total respaldo social para isso. E ao retomarmos os dados que demonstram que há um grupo alvo predominante entre a população prisional, ou seja, que é considerada criminosa, temos aí uma fórmula perfeita de escamoteamento de um preconceito que é racial primordialmente. (BORGES, 2018, p.14)

Ou seja, a sociedade aceita o preconceito em cima do encarcerado. Ela te dá respaldo para discursos ofensivos e agressivos que ocasionam na rejeição social do aprisionado durante a privação de liberdade e continua o julgando após a libertação. Além de função punitiva, o encarceramento tem função de ressocializar, mas como isso pode de fato funcionar se a própria sociedade não dá aberturas de “recuperação” ? E essa exclusão ocasiona na reincidência:

A falta de acolhimento e acompanhamento por parte dos organismos responsáveis, o estigma da prisão, o preconceito da sociedade, a falta de moradia, a impossibilidade de encontrar trabalho para prover o seu sustento e a falta de apoio familiar constitui-se nos fatores mais frequentes que levam à reincidência. (CAVALCANTE; SOUSA, 2014, não paginado)

Segundo Silva (2011, p. 40):

(...) Os egressos do cárcere estão sujeitos a uma outra terrível condenação: - o desemprego. Legalmente, dentro dos padrões convencionais, não podem viver ou sobreviver. A sociedade que os enclausurou sob o pretexto hipócrita de reinseri-los depois em seu seio, repudia-os, repele-os, rejeita-os. Deixa, aí sim, de haver alternativa, o ex-condenado só tem uma solução: - incorporar-se ao crime organizado.

Dentro dessa esfera social preconceituosa, nota-se que o racismo a perpassa mais uma vez, pois a situação do detento num ponto social já é complicada, a do detento negro é duplamente maior. É como se fosse vítima de dois discursos preconceituosos que se unem e podem se transformar num fator determinante de reincidência penitenciária.

(...)através de uma rede de leis, regulações e regras informais, todas reforçadas, poderosamente, pelo estigma social, eles são confinados às margens da sociedade e tem seu acesso à economia negados. Tem negados, legalmente, a possibilidade de obter emprego, habitação e direitos sociais – assim como os afro-americanos foram relegados a uma cidadania segregada e de segunda classe na era Jim Crow. (ALEXANDER, 2010, p. 40)

Para dar continuidade ao tema, precisa-se compreender como o racismo é uma das ideologias constituintes do Brasil, mesmo que ainda o neguem. O Brasil durante o período de colonização foi tido como Colônia de Exploração, onde escravos eram postos para trabalhar na extração minérios e outros recursos naturais e isso configurou uma das bases de hierarquização do país que perduram até hoje.

(...) o racismo, é uma ideologia que atravessa o tempo e acompanha o desenvolvimento e transformações históricas da sociedade brasileira. Se, no processo de construção de ideia de descobrimento, o racismo se colocou explicitamente pela instituição da escravidão, ele seguiu pela hierarquização e teorias raciais no transcorrer dos séculos XIX e XX, e foi se refazendo e se reapresentando em outras configurações neste percurso histórico, permanecendo sempre ali, latente nas relações sociais e pela estrutura e instituições do Estado. (BORGES, 2018, p.)

E são essas ideologias racistas que dão margem à incitação do medo ao restante da população em relação ao povo negro. O próprio Estado fomenta essa rejeição racial de um país que foi erguido sobre mãos negras.

Desde os tempos Brasil Colônia, o negro é sujeito de situações subalternas e humilhantes de trabalho e convívio social. O trabalho destinado a ele era uma forma de puni-lo através de atividades disciplinadoras e civilizatórias, afinal, eram vistos como seres inferiores aos demais e essa ideia perpassava todas as instâncias sociais da época e colhem-se os (maus) frutos desse tratamento

até hoje. É como se o passado se repetisse no presente, pois concepções daquele tempo vigoram em dias atuais.

O sistema de justiça criminal do período republicano, por sua vez, não demonstra qualquer ruptura substantiva com o que se sedimentou no período imperial, que estabelecia não mais a instituição escravocrata como limite e inferiorização do negro, mas estabelecia uma série de outras políticas e regramentos à vida do negro na sociedade brasileira. (BORGES, 2018, p.)

Na teoria, tem-se no Sistema de Justiça Criminal a confiança de um julgamento justo, honesto e democrático, mas na prática, ele reproduz pré-conceitos de tempos da formação do Brasil e os utiliza para julgar em massa a população negra.

Somos compelidas a acreditar que o sistema de justiça criminal surge para garantir normas e leis que assegurarão segurança para as sociedades. Mas, na verdade, se trata de um sistema que surge já com uma repressão que cria o alvo que intenta reprimir. A realidade do sistema de justiça criminal é absolutamente diversa de garantir segurança, mas um mecanismo que retroalimenta insegurança, aprofunda vigilância e repressão. Ao perguntar para qualquer pessoa negra periférica quais são as instruções que ela recebe desde pequena sobre comportamento, conduta e confiabilidade na polícia, um braço central para o funcionamento das engrenagens de exclusão, certamente vocês perceberão não uma mera distorção de um suposto papel da organização. Será explicitado o elemento central de surgimento de uma instituição constituidora de um aparato sistêmico para reproduzir e garantir a manutenção de desigualdades sustentadas em hierarquias raciais. (BORGES, 2018, p.)

Borges (2018, p.) ainda ressalta:

Há desproporção no peso da definição das penas entre brancos e negros que cometeram um mesmo crime. 57,6% dos acusados em varas criminais são negros, enquanto que em juizados especiais que analisam casos menos graves, este número se inverte tendo uma maioria branca (52,6%). Esta diferença ocorre porque a determinação de qual vara será tramitada o processo depende do tipo de pena pedida, decisão do promotor de Justiça.

Esses dados só comprovam o seletivismo judiciário perante as situações que fogem da "normalidade social" que escolhem e determinam a cara do bandido. Um caso (entre milhares) que exemplifica bem isso é o que aconteceu com Rafael Braga, um jovem negro:

Rafael Braga é o único jovem condenado, até agora, pelos protestos de junho de 2013, por portar um frasco de desinfetante. Era catador e procurava por qualquer coisa de utilidade para vender em feira e ajudar sua mãe no sustento de mais 7 irmãos. Viu-se em meio a uma manifestação e forte repressão policial, enquanto tentava levar produtos de limpeza até sua tia. Foi preso e levado para a delegacia. Policiais civis atestaram que Rafael tinha como intenção produzir artefatos explosivos com as garrafas e panos que utilizava como estopim. Rafael afirma que estava com os frascos de desinfetante lacrados e que protestou ao chegar na delegacia e observar que eles haviam sido adulterados. Apesar dos laudos técnicos atestarem que a água sanitária não produziria artefato explosivo e que o desinfetante obtinha quantidade mínima e impossível para explosão, Rafael Braga foi condenado a cinco anos de prisão por suposta "intenção de produzir artefato explosivo". (BORGES, 2018 p.)

A história de Rafael corrobora com as inúmeras denúncias de agressão que a população negra sofre pelo despreparo profissional de alguns policiais. Baseado na repulsa racial desde o período escravocrata, socialmente o corpo negro é passível de violência.

Perante o caso exposto do Rafael, pode-se inferir que:

Com isso, vemos muitas mortes de jovens negros sendo descritas como consequências de resistência à prisão, os autores de resistência. Segundo dados do Atlas da Violência, jovens negros aos 21 anos têm 147% mais chances de serem assassinados do que jovens brancos. Os números são alarmantes. E não podemos perder de vista o aumento, cada vez maior, de jovens mulheres também vítimas da violência urbana. (BORGES, 2018, p.)

Com base nos expostos a cima, pode-se notar que a pele negra é tida como motivo o suficiente para legitimação da violência, do destrato social e de julgamentos dos mais agressivos que vão desde falas escórias à prisões injustas. Entende-se que isso se trata de um problema constituinte da estrutura social que insiste em reproduzir ações iguais às tidas no período de escravidão no Brasil Colônia.

No Brasil, há diversos intelectuais, como Abdias do Nascimento, que denunciaram a falsa abolição no Brasil e como o racismo foi se rearticulando para manter suas amarras sobre o povo negro. Vimos no decorrer do livro como um "mito fundante" de nosso país. O Brasil se funda e se forma tendo na instituição da escravidão seu principal eixo econômico e ideológico. Com os

ventos modernizantes, as instituições criadas, seja passando pelo Brasil imperial, seja nos marcos da República teve uma série de ordenamentos políticos, econômicos, jurídicos e sociais para, mesmo com mudanças, tudo manter-se como sempre foi. (BORGES,2018, p.)

O Brasil é um país racista e a abolição da escravidão no ano de 1888 não significou o fim da rejeição racial. Discursos e ideais racistas se locomovem com fluidez na sociedade e isso faz com que seja repassado a cada geração, por isso, se faz necessário ser anti-racista.

4.2 BREVE HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS

A humanidade sempre sentiu a necessidade de registrar suas ações, seja para memoriza-las e até mesmo para repassá-las aos demais, afim também de registrar suas descobertas. Baseado nessa premência, egípcios e mesopotâmios passaram a arquivar seus documentos escritos e outros materiais informativos de forma organizada em um ambiente. A partir daí, surgiu o conceito da biblioteca como guardiã de informação e conhecimento, mas com o passar dos anos, as novas necessidades sociais foram se modernizando e essa modernização traz a biblioteca como um ambiente de troca, de conhecimento, de sociabilidade, que se adequa a demanda de seu usuário. Martins afirma que:

A biblioteca moderna não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao indivíduo isolado, proporcionando-lhe a leitura, o instrumento, a informação de que necessita, mais ainda deseja satisfazer às necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade. (MARTINS, 1998, p. 325)

Essa modernização das bibliotecas implica em uma biblioteca mais “humana”, que foge de práticas técnicas como fator caracterizante da organização. Uma biblioteca que tem o seu usuário como protagonista da unidade de informação e que compreende a sua importância para funcionamento da mesma.

4.2.1 Importância das bibliotecas prisionais

Com o advento da modernização das bibliotecas e suas novas demandas, bibliotecas especializadas também foram surgindo, afim de atender públicos diferentes com base em seus interesses. Dentre essas bibliotecas especializadas tem-se as bibliotecas prisionais. As bibliotecas prisionais são unidades de informação dispostas em presídios afim de levar informação e conhecimento à pessoas em situação privativa de liberdade.

As bibliotecas prisionais cumprem um papel ainda mais importante que as demais. Os serviços oferecidos são os mesmos, mas os objetivos se distinguem.

Órgão este que assume um papel inclusivo em uma sociedade que cada vez mais marginaliza aqueles que não estão seguindo os parâmetros pré-estabelecidos pela mesma, como é o caso do direito de parte marginalizada da população a ter a presença de uma biblioteca em âmbito prisional cujo principal objetivo é o de incentivo à leitura por parte dos apenados, apresentando a biblioteca como um agente ativo em proporcionar atividades que atuem na futura reinserção dos mesmos na sociedade. É preciso que se entenda que o acesso à informação é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade como um todo sem distinção de cor, raça, religião ou condição social, inclusive pessoas privadas da liberdade. (SILVA, 2017, p.22)

Ou seja, por se tratar de um ambiente democrático, a biblioteca deve estar disposta a receber e incentivar a busca por conhecimento de todos, independente do seu local de aplicação e por se tratar de um presídio, tem a responsabilidade de incentivar o seu crescimento intelectual com intuito ressocializador. Então:

A biblioteca prisional atua como instrumento colaborativo no que diz respeito ao incentivo à leitura, combate ao analfabetismo, “ressocialização” dos apenados e a busca por uma nova vida pós-cárcere por parte dos apenados. Leite (2004) confirma tal apontamento ao dizer que a informação é o ele que permite que o apenado possa acompanhar os acontecimentos do mundo fora dos muros durante o tempo que está em cárcere. Assim, o acesso à informação auxilia o desempenho da função ressocializadora da pena, de forma que o condenado terá uma dificuldade menor para se adaptar a uma sociedade mais familiar apesar da privação de liberdade. (SILVA, 2017,p.24)

Faz parte do senso comum social a rejeição do apenado durante e pós o período de encarceramento. A situação prisional dá margem para que ele seja destrutado e visto como algo irrecuperável passível de eterno sofrimento e isso vai totalmente contra o sentido da existência do presídio, que é ressocializar, “tratar” quem não cumpriu com as normas sociais afim de que seja recuperado para voltar a conviver em liberdade com demais civis.

A Lei de Execuções Penais (LEP- Lei Federal nº 7.210 de 11 de julho de 1984) garante o direito dos apenados quando delinea no art. 21, Capítulo V, que “Cada estabelecimento penal deve ser dotado de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos”. (SILVA, 2017, p.24)

O acesso à biblioteca é um direito de todo e qualquer cidadão, independente da sua situação, ou seja, isso se adequa à pessoas em situação carcerária. É obrigação do Estado propor condições ao apenado para sua reinserção da sociedade:

Art. 20. As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados. **Art. 21.** Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos. Seção VI - Da Assistência Social, **Art. 22.** A assistência social tem por finalidade amparar o preso e o internado e prepará-los para o retorno à liberdade. obtenção de trabalho.

É de suma importância que a toda a sociedade comece a perceber que a situação carcerária precária a qual os detentos são submetidos é de preocupação de todos, pois vivemos em coletivo e devemos cobrar do poder público melhorias para essa parcela da população.

Acredita-se que a presença de uma biblioteca nos presídios auxiliaria o apenado no combate a ociosidade, na descoberta ou aprimoramento de novos talentos e no desejo de se tornarem pessoas melhores dentro e no pós-cárcere. É preciso que a sociedade, o estado e os profissionais da informação estejam atentos quanto às melhorias que uma biblioteca pode proporcionar a esses apenados de forma a compreenderem efetivamente que biblioteca prisional não é assistencialismo, mas um direito a ser respeitado. A biblioteca localizada em prisões não deve ser excluída das pautas de discussões em razão de sua localização física, bibliotecas prisionais são também bibliotecas, e devem ser geridas por um bibliotecário –

profissional capacitado para atuar nesses espaços de aprendizado, inclusão social, cultural, educacional e informacional. (SILVA, 2017, p.27)

A leitura deve ser vista como ferramenta de capacitação do detento, afim de educá-lo e prepará-lo para uma vivência fora dos muros que o prende.

A biblioteca no cárcere objetiva resgatar a autoestima do encarcerado, devolvendo a ele o alento da esperança dentro do quadro prisional que o torna nada além de um indivíduo que por trás das grades é apenas o número do delito que cometeu. A identidade do detento é anulada por forças do próprio meio e o único elo de seu espaço físico com a liberdade do mundo exterior é a janela da cela, onde o contexto da visão que o apenado tem nesta janela está seus sonhos e a perspectiva de um novo olhar. (COLARES; LINDEMANN, 2015, p.205)

Nesse sentido, a biblioteca prisional surge como um ambiente que fornece sonhos e esperanças através da leitura. O detendo poderá se projetar na leitura a qual estiver disposto a fazer e “transportar” junto a ela. Assim, a leitura se torna a janela que proporcionará a visão de um novo mundo.

Quanto às atribuições de um bibliotecário dentro de uma biblioteca prisional, ressalta-se:

O papel do bibliotecário então passa a ter função social, pois sua base está arraigada nos preceitos de humanidade, tal como roga o próprio juramento do bibliotecário. Lamentavelmente, mesmo tendo ciência da importância do bibliotecário dentro da relevância social dos livros no cárcere, sua participação segue rasa e por vezes até inexistente, seja por falta de interesse dos profissionais da informação ou mesmo pela negligência do Estado de fazer valer a Lei das bibliotecas prisionais e mais, também omissão dos Conselhos de Biblioteconomia no que diz respeito à fiscalização. (COSTA et.al, 2016, p.880)

Diante da escassa demanda de profissionais da informação trabalhando com a biblioteconomia social no cárcere, tem-se como principais dificuldades o próprio governo que não investe nesse tipo de serviço e por consequência, demonstra falta de interesse na educação e ressocialização da população carcerária.

Na maioria dos países, como é o caso do Brasil, o serviço bibliotecário sequer existe. Aliás, no Brasil não há nem registros sobre a existência de espaço físico destinado a materiais de leitura, quiçá da existência de bibliotecas em funcionamento efetivo. Enquanto em países como a Espanha se discute a formação do bibliotecário que atua em prisões, no Brasil ainda se luta (ou não) para a disponibilização de materiais de leitura aos detentos. Ainda estamos muito distantes de um serviço bibliotecário para as prisões. (COSTA et.al. apud. JOHN, 2009, p. 55-56)

Trabalhar a ressocialização de detentos deve (pelo menos deveria) ser um dever de todos. Uma vez que convivemos em sociedade, que estamos inseridos em um núcleo social, os problemas dos outros também são nossos e enxergá-los como um “problema a ser descartado” é desumano. As prisões não deveriam funcionar como uma caixa punitiva de privação de liberdade e sim como instituições capacitadas para preparar o indivíduo a retornar ao convívio social.

Por fim, pode-se inferir que:

Não há de se negar a real importância de bibliotecas como do Bibliotecário ocupando este espaço. Vale aqui ressaltar, que o bibliotecário que é o real possuidor da força de trabalho apta a desenvolver atividades no campo da biblioteconomia. O bibliotecário quando ocupa este campo de trabalho tem a oportunidade de exercer a dimensão técnica, ética e política de sua atuação e firmar sua profissão como a detentora do conhecimento específico que lhe cabe. (COSTA et.al, 2016, p.882)

Ou seja, uma das alternativas para trabalhar a ressocialização de detentos é a inserção de uma biblioteca no cárcere e a presença de um profissional da informação (bibliotecário) qualificado para isso seria fundamental.

4.2.2 A leitura no espaço carcerário

Através da leitura, é possível conhecer o mundo, viajar pelos céus e descobrir novos universos. Ela transporta o leitor para qualquer lugar através de sua imaginação, seja eles lugares reais ou irreais. Além desse fluído

deslocamento, ela te centraliza e te (re)insere na sociedade. pois te traz conhecimento de mundo. Para Chartier (1999), o mesmo material escrito, encenado ou lido não tem significado coincidente para as diferentes pessoas que dele se apropriam. Uma só obra tem inúmeras possibilidades de interpretação, dependendo, entre outras coisas, do suporte, da época e da comunidade em que circula. Ou seja, um mesmo material tem diferentes atributos e significados para cada leitor. Cada pessoa lerá e o interpretará de um modo. Para os detentos isso funciona como um ponto de fuga ainda mais “real” do que para pessoas em liberdade social, porque a realidade de quem está no cárcere é uma vida regada à punições e cheia de desestímulos. Nesse sentido, a leitura surge uma ação capaz de trazer a esperança a quem já a perdeu e a incentivá-los a buscar uma vida melhor.

Mas trabalhar a leitura no Brasil sempre foi algo complicado. Muitos reconhecem a sua importância, mas poucos exercem essa prática, dessa forma, acaba que ela não é tão levada com a seriedade e necessidade que realmente e esse problema não é algo que surgiu nos dias atuais.

Em sua pesquisa, Santos (2014, p.04) afirma:

No Brasil, a história das práticas de leitura aponta traços de preconceitos ainda no período colonial. Segundo Abreu (2001), os viajantes que por aqui passavam diziam se tratar de um país de ignorantes, sem cultura e sem acesso ao mundo escrito. Segundo a autora, esse fato histórico pode ser um dos fatores que contribuíram para o preconceito das práticas existentes em tempos atuais. Para ela, as práticas de leitura sempre existiram: há provas de importação de livros para o Brasil e de práticas de diversas leituras. Mas essas leituras não eram consideradas como satisfatórias, seja pelo tipo de material lido ou pela postura dos leitores durante a leitura (deitados, fora de gabinetes, sem vestimenta adequada) (ABREU, 2007).

Esta preocupação com o acesso à informação / educação do apenado também não é uma problemática atual :

Desde 1984, conforme definido pelo Art. 21 da Lei de Execução Penal (LEP) (BRASIL, 1984), “em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e

didáticos”. Ou seja, a perspectiva de dotar instituições penais de recursos materiais da cultura vem da aprovação do instrumento mais forte de disciplinamento do cárcere e das formas de vivenciar a privação de liberdade, não nasce separado, nem de forma estanque, já fora previsto no conjunto legal que conforma o aparato ordenador da administração penitenciária. Entretanto, dos mais de 1.100 estabelecimentos penais existentes no Brasil, poucos possuem espaços infraestruturais, como previsto para a realização de atividades educacionais, culturais, esportivas e de lazer. (JULIÃO; PAIVA, 2014, p.114)

Em 2008, foi realizado um estudo que mostrava a situação das bibliotecas no sistema carcerário Brasileiro, nele foi constatado que dos 1.148 cárceres existentes nos locais onde a pesquisa foi aplicada, apenas 305 possuíam bibliotecas.

[...] o acervo disponibilizado aos presos é limitado e em regra, foi formado através de campanhas de doação de livros fornecidos pela comunidade e por instituições públicas e privadas. Os livros, na sua maioria, são didáticos e de literatura variada. A principal dificuldade para a criação das bibliotecas é a falta de espaço físico nas unidades penais. Em Minas Gerais, foi implantado o Projeto Sala de Leitura que prevê a criação de salas de leitura, bem como a doação de 1.000 livros para os estabelecimentos penais do Estado. O Instituto Oldenburg de Desenvolvimento realizou importantes doações às unidades penais, nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e Espírito Santo. (JULIÃO; PAIVA, 2014. apud. BRASIL, 2008c, p. 27).

Infelizmente esse problema é algo recorrente. A falta de políticas públicas e de cultura de letramento e acesso à educação agrava ainda mais a situação e tudo isto é resultado de um governo desinteressado com a população carcerária que após cometer um delito é tida com objeto descartado à ser esquecido dentro de uma cela.

5 BIBLIOTECA PRISIONAL ENQUANTO ESPAÇO PARA O ACESSO A INFORMAÇÃO E CIDADANIA

A biblioteca é um ambiente democrático e uma de suas diversas funções é levar informação à todos e todas, independente de orientação sexual, raça, gênero, religião ou outro fator que venha a distinguir pessoas. Ela é um espaço físico que recebe e lida com as diferenças e se preocupa com a exclusão informacional, pois busca assegurar que todo e qualquer sujeito tenha acesso à informação que precisa.

Entretanto, a exclusão informacional se torna algo preocupante, pois a ausência de políticas públicas de informação deixa a margem aqueles que não têm poder aquisitivo suficiente para ter acesso a esse bem. Discutir sobre o uso e os meios de obter informação se faz necessário para encontrar soluções em suprir essa necessidade que o homem tem de obter informações e construir conhecimento, assim como alertar para o uso correto da informação para que esta seja instrumento de transformação e não de dominação. Deste modo, é fundamental uma educação de qualidade e meios que possibilitem a socialização desse bem. Essa nova sociedade apresenta benefícios significativos, mas também riscos que podem comprometer seu desenvolvimento, pois pensar em democratizar a informação é um dos caminhos para combater esses riscos. Isso significa disponibilizar informação para a população com base no conhecimento das suas necessidades e não oferecer informações pré-formatadas, impostas de forma distante da população, caminho necessário para uma real sociedade pautada na democratização da informação. (COELHO, 2013,p. 03)

Através da leitura e da democratização da informação, processada e transformada em conhecimento, busca-se alcançar a consciência e preocupação social do sujeito para o coletivo. Silva Neto (2011, p.47) afirma: “(...)o atributo básico do ser humano é a consciência e é através do processo de conscientização que o homem toma posse da realidade e realiza a verdadeira transformação da sociedade.”

O presídio além de exercer função punitiva, também deve executar atitudes que busquem a ressocialização do presidiário.

Destacamos, entretanto, entre os grupos que clamam por tais melhorias, os presidiários, pois estes, de certo modo, estão intimamente ligados à concretização e à conquista de uma vida

social melhor e mais segura. Além do mais, não se pode conceber tamanha conquista em uma sociedade excludente (SILVA NETO, 201, p.48)

Ou seja:

Desse modo, neste contexto é importante reconhecer os direitos humanos dos presos, como também sendo os direitos fundamentais do homem, tais como o direito à vida, à saúde e ao bem-estar. É importante compreender que esses direitos criam condições para que todos, até mesmo os presos, tenham um melhor exercício da cidadania através principalmente da aquisição de conhecimento e informação. (SILVA NETO, 201, p.48)

Para que o indivíduo se desenvolva como cidadão e se equipe intelectualmente, é importante que a ele seja fornecidas ferramentas para a construção de seu novo 'Eu' e uma dessas ferramentas é o acesso a informação através da leitura. Não somente no âmbito educacional, mas o detento apesar de seus delitos, continua sendo um ser humano que necessita de direitos básicos à constituição da vida e no momento que ele é privado disso, pode-se a vir se revoltar e estímulos negativos podem surgir a partir disso aumentando a sua chance de reincidência no cárcere.

Socialmente, o presidiário é visto como uma pessoa "perdida", impossível de ser ressocializada e esse discurso é contraditório no sentido de que essa é uma das atribuições do presídio.

No Brasil, ainda não é muito comum falar de informação e cidadania para pessoas presas e nem tampouco da existência de bibliotecas para ampará-las em atividades educacionais, culturais e sociais. Segundo Carvalho (2009), isso ocorre em boa parte por causa da visão do Estado e da própria sociedade de que o preso é um condenado sem alma, sem sentimentos, que não tem condições de ser regenerado e muito menos tem o direito de estudar, aprender e buscar conhecimentos. Conforme Trindade (2009), as bibliotecas instaladas em estabelecimentos prisionais exercem uma função social de grande importância no processo de ressocialização do preso, contribuindo para a efetividade de políticas de educação, reabilitação e utilização construtiva do tempo. (SILVA NETO, 2011, p.48)

Por tanto, infere-se que a biblioteca prisional é um local de oportunidade para os presidiários, pois tem acesso à educação e com isso a possibilidade de viver uma vida melhor pós-cárcere.

A biblioteca nos presídios tem como proposta a tentativa de uma reintegração social dos detentos através de atividades por ela desenvolvida no espaço prisional. Assim, as bibliotecas prisionais podem ser caracterizadas como locais de oportunidades para os apenados, onde, entre outras atividades, eles têm acesso à educação, à leitura, ao convívio social com os outros presos e com profissionais que atuam nesses espaços de apoio educacional, em especial o bibliotecário, uma vez que cabe a esse profissional da informação mediar na busca de informações e no processo de aquisição do conhecimento. (SILVA NETO, 2011, P.54)

A biblioteca prisional também possui função de reparação social, onde ela se torna instrumento para correção de erros cometidos pelo sistema educacional e até mesmo familiar. Nesse sentido, ela tende a ser base constitutiva para a (re) formação do apenado..

De acordo com Silva Neto (2011, p.54 apud Guimarães et. Al, 2006,p.03):

A importância dessas bibliotecas nos ambientes prisionais pode se configurar primeiramente no âmbito da educação, pois é através da educação que o indivíduo consegue de fato mudar sua vida por meio da aquisição de conhecimentos. A esse respeito, Guimarães et al. (2006, p. 3) afirmam que a “educação é a principal ferramenta de empoderamento. O indivíduo que desenvolve suas capacidades passa a ser responsável por sua „existência” e pela realidade que o envolve”. No entanto, para que isso de fato aconteça nos espaços prisionais, é fundamental a figura da biblioteca, pois esse instrumento é que vai auxiliar no processo de transformação dos presos, tornando-os cidadãos críticos e conscientes de sua real condição enquanto indivíduos, por meio do acesso à informação e à cidadania.

Como foi exposto aqui, a biblioteca prisional age no sentido de cura social além de exercer função ressocializadora, que é resultado de algum ato que o sujeito sofreu no meio de socialização e não conseguiu se adequar à sociedade. Neste trabalho, a biblioteca foi adotada como fator importante de ressocialização, mas nada garante sua efetividade de forma vitalícia, uma vez que trabalhamos com a subjetividade do indivíduo e considerando o fato de que somos influenciados pelo meio que vivemos, ou seja, de outros grupos sociais e de outros contextos de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biografia do Malcolm X é de uma contribuição literária no âmbito de formação do leitor imensa. Um jovem negro, de origem pobre e família numerosa, habitante de zonas periféricas que geograficamente incitavam às práticas criminosas que foi preso e conseguiu redefinir todo seu futuro através da educação. Educação a qual se deu através de práticas literárias exercidas em uma biblioteca prisional. Esse ponto chama bastante atenção, porque além de todas as contribuições de uma biblioteca comum, a biblioteca prisional pode ser identificada como uma biblioteca especial. Especial porque está destinada a atender um grupo específico de pessoas. Grupo o qual do ponto de vista social é tido como perdido, indo contra a real função que um presídio exerce, que é o de ressocializar o detento e não tê-lo como alguém perdido, impossível de ser “recuperado”.

A biblioteca nesse caso exerce um papel ainda mais humano, o de capacitar pessoas e prepara-las para conviver com a sociedade novamente. A vida de um ex-detento não é fácil após a privação de liberdade, portanto, ele precisa aprender a lidar com esses novos desafios e a leitura é capaz de fazer isso, assim como fez com Malcolm X. Durante o cárcere, Malcolm X se preparou lendo e estudando na biblioteca de recuperação profissional. Estudou livros de exatas, contábeis, históricos, inglês e romances. Ele se qualificou como pôde com as ferramentas que tinha. Através do contato com Bembry - que foi seu mediador com a biblioteca e leitura- ele reconheceu a importância de estudar, de se preparar para o mundo aqui fora, pois percebeu a força que um homem negro de formação intelectual poderia ter.

O contato de Malcolm X com o Islamismo também contribuiu para a formação do homem que ele escolheu se tornar (o Islamismo nesse caso não sugere que a religião seja fator determinante de algo, mas no momento que Malcolm se encontrava e com o apoio que ele teve, ela foi fundamental). Sim, Malcolm X escolheu ser o homem que foi, pois ele teve em “suas mãos” a escolha de ser quem quisesse e ele escolheu ser

diferente, ele escolheu fazer a diferença e teve inspirações de outros homens negros para isso, como seu falecido pai e Bembry.

Valorizar a biblioteca, a leitura, o acesso à informação é um dever social de todos. O poder transformador que esse espaço ofereceu a Malcolm X é inegável. Ela o capacitou, o auxiliou, deu esperança de uma vida melhor. E de fato, ele teve uma vida melhor. De um simples praticante negro de roubo, Malcolm X até hoje foi um dos maiores ativista na luta contra o racismo nos Estados Unidos. Seu nome é conhecido mundialmente graças ao homem que ele se tornou e a força que teve para recuperar e lutar por todos seus semelhantes.

A história de vida de Malcolm X deveria servir como um grande exemplo de recuperação, esperança e importância de uma biblioteca não só a nós, bibliotecários, mas para toda a sociedade. Porque a situação carcerária a qual detentos estão submetidos é um problema nosso, porque é um problema social e se é social, é coletivo, portanto, temos influência direta nisso. É importante levar informação, fornecer meios de acesso, trabalhar a educação à todos em todos os lugares, afinal, esse é o sentido da existência de um bibliotecário, ser um agente transformador social e não um simples catalogador tecnicista.

O legado de Malcolm X é seu próprio nome. É a comprovação de uma recuperação social através do contato com a leitura. Essa é sua maior herança.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michelle. **The new Jim Crow: mass incarceration in the age of colorblindness**. New York: The new press, 2010.

ALMEIDA, Maria das Graças Queiroz. **A construção do gosto pela leitura: uma contribuição pedagógica para a formação de leitores**. Disponível em: <http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/EST_ed0ba90cfa4f783d539841f12f5660e6>. Acesso em 20 de abril de 2018.

ALVIM, Wesley Botelho. **A ressocialização do Preso Brasileiro**. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/12761-12762-1-PB.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

BRASIL. **Lei Federal nº 7.210, de 11.7.1984** : Lei de Execução Penal. Brasília, 11 de julho de 1984. Disponível em:. Acesso em: 29 de novembro de 2018.

BRITO, Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. Disponível em: <http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf> . Acesso em 23 de junho de 2018.

Carta Capital, **Mais de 60% dos presos no Brasil são negros** . Disponível em :<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mais-de-60-dos-presos-no-brasil-sao-negros>. Acesso em 06 de dezembro de 2017

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

COLARES, Leni Beatriz; LINDEMANN, Catia Rejane. **Implantação da biblioteca no cárcere: desafios e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16243>> . Acesso em 29 de novembro de 2018.

COSTA, Amabile; LINDEMANN, Catia; PIZARRO, Daniella Camara; SILVA, Joel Nunes da. **Bibliotecas Prisionais Catarinenses e a Ausência Do Bibliotecário**. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1256>> . Acesso em 29 de novembro de 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: pesquisa qualitativo, quantitativo e misto. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. 186-187.

Economia, **Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos**. Disponível

em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em 17 de novembro de 2018.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. Sociologia, Problemas e Práticas. Nº 09, 1991, p. 171-177. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte-iul.pt/index.jsp>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

Folha de S.Paulo, **País tem 11.8 milhões de analfabetos**: taxa de negros dobra ante brancos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/12/1944963-pais-tem-118-milhoes-de-analfabetos-taxa-entre-negros-dobra-ante-brancos.shtml>>. Acesso em 03 de maio de 2018.

Guia do Estudante, **Percentual de negros nas universidades dobra em 10 anos**. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/percentual-de-negros-nas-universidades-dobra-em-10-anos/>>. Acesso em 06 de dezembro de 2017.

HOOKS, Bell. **Feminism is for Everybody**: Passionate Politics. Cambridge, MA: South End Press, 2000. _____. "Schooling Black Males". [Escolarizando homens negros]. In: _____. We Real Cool. Black Man and

JULIÃO, Elionaldo Fernandes; PAIVA, Jane. **A leitura no espaço carcerário**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v32n1p111>>. Acesso em 28 de novembro de 2018.

Jus, **Dificuldades dos ex-apenados em reingressar no mercado de trabalho**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/34851/dificuldades-dos-ex-apanados-em-reingressar-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

MALCOLM X. Disponível em: <<http://malcolmx.com/>>. Acesso em 01 de outubro de 2018.

MARABLE, Manning. **Malcolm X**: uma vida de reinvenções. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universia de Freevale, 2013.

SANTOS, Andréa Pereira. A percepção dos professores diante das práticas de leitura dos graduandos da UFG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16, 2014, João Pessoa, **Anais....**, João Pessoa, ENANCIB, 2014.

SANTOS, Héllen Thaís dos. GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. Disponível em: <
http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2018.

SILVA, Evandro Lins e. **De Beccaria a Filippo Gramatica, in sistema penal para o terceiro milênio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

SILVA, Isabelle Ariane Ribeiro da. **A importância das Bibliotecas Prisionais**. Disponível em: <
https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/5690/1/IsabelleARS_Monografia.pdf>. Acesso em 28 de novembro de 2018.

SILVA NETO, Eptácio Gomes.; DIAS LEITE, Francisca Chagas. **Bibliotecas Prisionais enquanto espaços para o acesso a informação e à cidadania**. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1945>>. Acesso em 19 de abril de 2018.

Revista Educação, **Acesso de negros à educação melhora em termos quantitativos, mas não qualitativos**. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/acesso-de-negros-educacao-melhora-em-termos-quantitativos-mas-nao-qualitativos/>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINDADE, L. L. **Biblioterapia e as bibliotecas de estabelecimentos prisionais: conceitos, objetivos e atribuições**. 2009. 118 f. Monografia [Bacharelado em Biblioteconomia] – Departamento de Ciências da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, 2009. Acesso em 03 de julho de 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura: história e sociedade**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p013-017_c.pdf> . Acesso em 23 de junho de 2018.